



## Práticas de leitura: condicionante para a formação do professor crítico reflexivo?

INNOCENTI, Thamirys Desirée<sup>[1]</sup>.

**Eixo Temático: 11. Educação, Sociedade e Práticas Educativas.**

### Resumo

Este artigo tem por objetivo compreender a importância da leitura na formação do professor crítico reflexivo. Parte da seguinte questão de investigação: como a leitura pode auxiliar na formação do pensamento crítico do professor? Trata-se de um recorte de uma investigação focada nos saberes e sentidos que professores do Ensino Fundamental I estabelecem com a leitura. A pesquisa fundamenta-se em Sacristán, no que se refere ao conceito de reflexividade; em Franco, no tocante à formação pedagógica crítica; bem como em Freire, que defende que o desenvolvimento do pensar crítico em superação à consciência ingênua, de modo que esse pensar subsidie o pensamento reflexivo do professor. A metodologia é de cunho qualitativo e foram utilizados questionários, com questões abertas e fechadas, respondidos por catorze professoras de uma escola municipal de Cubatão, situada na Baixada Santista.

**Palavras-chave:** leitura, professor crítico reflexivo, pensar crítico.

### Abstract

This article aims to understand the importance of reading in teacher critical-reflective formation. Part of the following research question: how reading can assist in the formation of teacher's critical thinking? This is an excerpt from a research focused on knowledge and meanings that elementary school teachers have with reading. The research is based on Sacristán, with regards to the concept of reflexivity; in Franco, regarding the pedagogical critique; as well as Freire, who argues that the development of critical thinking in overcoming the naive consciousness, so that thinking subsidize teacher reflective thinking. The methodology used was a qualitative questionnaire, with open and closed questions, answered by fourteen teachers of a public school Cubatão, located in Baixada Santista.

**Keywords:** reading, teacher critical reflection, critical thinking.

### Introdução

No campo da educação, a leitura, é um dos meios, consideravelmente, fundamental para ascensão social, indispensável para qualquer cidadão que almeje estar inserido em uma sociedade letrada e que atenda suas necessidades e perspectivas.

Contudo a leitura não se restringe somente ao campo educacional, mas também é um instrumento político, social e histórico. Consequentemente está ligada à inserção do indivíduo na sociedade letrada, propiciando abertura de perspectivas à cidadania.

O ato de ler, ou saber ler, não somente, distingue os alfabetizados dos analfabetos, mas insere o sujeito ao universo da (de) codificação escrita, que o auxilia no caminho da humanização.

A autora Franco (2012) em seu livro “Pedagogia e prática docente” ao delinear as *Rémanance Éducative* [2] (remanescências pedagógicas) dos pedagogos na atualidade, perpassou por toda a essência do conceito da ciência pedagógica, desde suas primícias até a contemporaneidade. Neste cenário podemos observar, em consonância, a leitura e sua crescente modificação e evolução.

Em sua obra Franco (2012) ressaltou alguns filósofos mais importantes para a Pedagogia, como Sócrates; Comenius; Rousseau; Pestalozzi; Dewey; e suas respectivas práticas, em prol de transformações significativas da classe economicamente desfavorecida. E a leitura, consequentemente, foi o instrumento utilizado, para a luta contra a anomia do povo, tendo sempre, a intencionalidade do desenvolvimento do pensar, sem intermediários, buscando a verdade, a partir de si, sobre os fatos.

Cronologicamente na história (século XVI e XVII), a leitura foi um instrumento muito utilizado pela elite, e manipulado pela Igreja Católica, na qual a mesma obscureceu fatos e articulou-os em seu benefício, estabelecendo como fantoches a grande massa da população. A partir desse panorama, iniciou-se, a meu ver, a grande revolução, que se originou por meio de Comenius, na Reforma Protestante, que lutou contra o sistema inquisidor e hegemônico da Igreja Católica (FRANCO, 2012).

A Reforma Protestante apelava para a necessidade da interpretação pessoal das escrituras, sem intermediários e, a única via para tal concretização era investir na educação do povo. Foi então que surgiram inúmeras escolas para ensinar a ler e estabelecer elementos que poderiam esclarecer o povo, contra o singelo pensamento acrítico.

Pode-se notar que os esforços de Comenius, assim como outros citados acima, deu-se devido a uma busca de uma educação de qualidade, como instrumento importante para a democratização da sociedade, propiciando uma educação a todos, como direito indissociável ao sujeito, propiciando o prazer e alegria por aprender.

Dentre tantos esforços, para que propiciassem a universalidade do ensino para todos, transcendemos para os dias atuais, e várias tendências coexistem em nosso século e ler não significa mais o domínio dos códigos, somente, conforme o autor FOUCAMBERT (1994) também reafirma ao dizer que a leitura, desde seu início, tem outra natureza. Portanto devemos (re) pensar o que entendemos por leitura e que leitores queremos formar.

Para compreendermos *que leitores queremos formar*, devemos partir da premissa de identificarmos qual o *perfil do leitor (professor) atualmente*. Podemos nos basear pelo indício da organizadora da pesquisa, a socióloga Zoara Failla, que realizou e publicou no livro “Retratos da leitura no Brasil 3”, que foi lançado na Bienal do Livro, em São Paulo e a revista Época (11/09/2012) publicou uma matéria referente a esta pesquisa, com o título: “Zoara Failla: Se o professor não é leitor, não consegue transmitir o prazer pela leitura”. Nesta pesquisa que foi realizada no ano de 2011, contou com a participação de 5. 000

(cinco mil) pessoas, havia dentre eles 145 (cento e quarenta e cinco) professores e, mesmo que seja uma amostragem pequena, surpreendeu a socióloga, pois apenas 3 (três) professores citaram gostar de ler em seu tempo livre.

Logo nos referimos novamente em Comenius (FRANCO, 2012) em pleno século XVI e XVII lutou pelo despertar do povo para o prazer de aprender, em contrapartida, em pleno século XXI, esse tal prazer; gostar, ainda não é algo presente entre os professores brasileiros.

Conforme Magda Soares<sup>[3]</sup>, Mestre em Educação e professora da Universidade Federal de Minas Gerais, a leitura, a seu ver, deve ser considerada além da mera decodificação, mas como prática social, de leitura e escrita, desenvolvendo o gosto pelo convívio do material escrito.

A questão deste artigo permeia esta faceta, ao delinear a falta de gosto pelo material escrito, por parte dos professores, sua leitura se esvai e deixa explícita a falta das práticas de leitura, fator imprescindível para uma reflexão cotidiana, sobre suas práxis e alienando-os para a forma crítica de atuar na sociedade, como cidadãos e formadores de opinião.

Conforme Pimenta e Ghedin (2002) a falta de reflexão por parte dos professores advém inicialmente pelas Universidades respectivamente incumbidas pelas suas formações, que preconizam uma *tecnicização* da reflexão, que em seu âmago prioriza a operacionalização do ensino, desqualificando os saberes e priorizando o *saberes-fazer*, direcionando a uma formação de tutores e monitores de aprendizagem, minimizando os saberes que necessitam, direcionando-os a obtenção/desenvolvimento de simplórias competências, facilitando, assim, para as Universidades, investimentos inferiores para uma qualidade significativa na formação dos professores.

Em concordância com os autores Pimenta e Ghedin (2002) a análise crítica demanda, por parte dos professores, um tempo maior para a reflexão sobre qualquer assunto, tendo o dever de (re) pensar sobre a teoria e paralelamente correlacionar suas práticas vivenciadas cotidianamente, a fim de estabelecer linearidade entre teoria-prática, tendo como objetivo pedagógico a análise das situações rotineiras em busca da qualidade do ensino.

O presente artigo tem, portanto, o objetivo de compreender a importância da leitura na formação do professor crítico reflexivo, partindo da questão central: como a leitura pode auxiliar na formação do pensamento crítico do professor?

Ao decorrer deste artigo conterà autores fundamentais para está questão, como Sacristán (2002); Franco (2012) e Freire (1984), em vista a defender que o desenvolvimento do pensar crítico, a partir das práticas de leitura, deverá superar à consciência ingênua, de modo que esse pensar subsidie o pensamento reflexivo do professor.

Ao final, detalharei os resultados iniciais e parciais desta investigação, que pertence a uma pesquisa de Mestrado em desenvolvimento, que tem como foco "*O saber: o sentido e as relações dos professores do Ensino Fundamental I com a leitura*", estabelecendo indícios para a importância da temática em questão.

### **A importância do ato de ler, estabelecendo relação com a reflexão e a criticidade**

A leitura para Soares (1993) translada a concepção de quem lê somente para decodificar a simbologia gráfica, a leitura sobrepõe a está antiga ideia e se estabelece em um panorama muito maior. Ler não significa apenas passar os olhos por algo escrito, portanto, também, não é, somente, fazer a versão oral de um escrito. O sujeito ao ler é questionado pelo mundo que o rodeia, podendo através da escrita estabelecer relação com inúmeros conhecimentos, refletindo e desenvolvendo a criticidade, relacionando (ou não) a sua realidade e ,o que se lê, contrapõem (ou não) a necessidade da implementação ou mudança das suas ações.

Um poema ou uma receita, um jornal ou um romance, provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mas o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos (FOUCAMBERT, 1994, p.05).

A partir da importância do ato de ler, simplesmente ler, sobre qual assunto, qualquer gênero, já sabemos que é fundamental, porém como neste artigo estamos enfocando as práticas de leitura para a formação do professor crítico reflexivo, devemos notar que este *ato* não está ocorrendo, portanto, se não ocorre que reflexão crítica sobre suas ações o professor está crescendo?

Para explorarmos mais profundamente a importância do ato de ler, o autor Paulo Freire (1984), reputado e ícone da Pedagogia libertadora, explicita a importância do ato de ler, na qual o sujeito requer uma leitura de mundo e não somente uma leitura da palavra, na qual sua complexidade será muito maior, devido à sua percepção para a compreensão do texto lido, desenvolvendo continuamente uma leitura crítica para o que se lê.

Porém o autor Paulo Freire (1984) ainda salienta que a compreensão crítica do texto é desenvolvida no indivíduo ao longo do tempo, não sendo algo que nasce com o sujeito, mas algo que deve ser ensinado à ele e estabelecer continuidade até que o faça de forma natural, constituindo-se a importância do ato de ler, ao olhos do indivíduo.

O fato de, o sujeito, ser exposto ao decorrer de sua vida à leitura, influencia em seu hábito e em seu comportamento para o desenvolvimento desta prática. Ao permear a infância, o indivíduo que se depara em contato com o mundo letrado, conseqüentemente terá uma leitura de mundo ampliada em contrapartida à outro que não absteve das mesmas oportunidades (FREIRE,1984).

Todavia como é possível instigar e reviver este gosto pela leitura, para o desenvolvimento da reflexão em prol da formação do professor crítico reflexivo? A leitura para ter significado, ao sujeito, deve partir da premissa que este mundo seja o seu próprio, em vista que a consciência para o ato da leitura deverá permear inicialmente textos que nos quais contenham importância e

significado para o indivíduo. A partir desta (re) inserção[4] à leitura e principalmente ao “gosto” pela mesma, pode-se transformar este sujeito a uma linearidade autônoma, sendo capaz de compreender textos e ser um leitor crítico, dependendo somente de si, para um enriquecimento cultural, podendo, ou não, transformar a sua prática (FREIRE, 1984).

Contudo, se analisarmos o porquê os professores se esvaíram deste gosto pelo ato de ler, podemos começar a entender de acordo com:

[...] a necessidade de se formar profissionais capazes de ensinar em situações singulares, instáveis, incertas, carregadas de conflitos e de dilemas, que caracteriza o ensino como prática social em contextos historicamente situados [...] (PIMENTA e GHEDIN, 2002, p. 21).

Ao analisar a fala dos autores acima, nos deparamos com a realidade enfrentada por inúmeros professores, tanto de escolas públicas como privadas, que encaram este cenário diariamente e que têm como papel primordial mediar o conhecimento, mas vislumbrando este panorama, nos perguntamos e reforçamos novamente a ideia, como o professor, com a realidade alarmante que presencia todos os dias, se abstém de conhecimentos, para administrar a prática e refletir sobre ela, elencando necessidades substanciais e valendo-se criticamente das mesmas em vista uma transformação que o auxilie, sem o ato de ler?

Perguntas intrigantes para se pensar , porém devemos focar o outro lado, da dimensão do professor, no qual pertence a este cenário multifacetado, tendo o dever de trabalhar articulando-os em pró da qualidade do ensino primando o desenvolvimento do aluno, a partir disso questiona-se quais práticas de leitura o professor deve elencar como prioridade para a sua reflexão? Será que ter inúmeras práticas de leitura são benéficas? E o poder de reflexão sobre elas dar-se- ia a qual momento?

A responder estas questões o autor Freire (1984) nos elucida para a quantidade de leituras exageradas ou quantitativas que o sujeito, no caso o educador, realiza em seu ambiente profissional ou pessoal, deixando-as inúmeras vezes a desejar, se esvaindo seu objetivo primordial; a qualidade à compreensão e a *criticidade*, que são estabelecidas a partir de uma leitura mais sólida, portanto

mais (re) pensada. Porém esse outro olhar às práticas de leitura traz consigo a intencionalidade da importância do ato de ler, contudo salientamos o cuidado aos seus extremos ou radicalismos, a questão não é eximir o ato de ler, em contrapartida não é ler tudo, mas sim enaltecer a qualidade de *quando se lê*, o processo da leitura, compreendendo *o que se lê*, estabelecendo relação *ao que já se leu*, refletindo sobre a temática lida no presente momento e inferindo conhecimentos preestabelecidos, tornando sua opinião mais sólida sobre o assunto, podendo opinar sobre seu olhar, estabelecendo assim elementos que constituem a crítica.

Todo esse processo que a leitura circunda e perpassa o sujeito, o autor Freire (1984) salienta e enaltece a importância do contínuo desenvolvimento à esses saberes fundamentais para uma leitura consciente e chama a atenção do mesmo para uma *disciplina intelectual* [5].

A questão central deste artigo, não trará como pressuposto ao final estabelecer ou instituir um comportamento obrigatório ao professor, mas tendo como princípio eminente o de formar a consciência do sujeito, sendo capaz de buscar subsídios para seu enriquecimento cultural, partindo de si a vontade; o interesse; o gosto e; o anseio por melhorias através da reflexão de suas práticas.

Autores como Rocha e Guidi (1997) explicitam que o leitor, ao longo da sua vida, adquire habilidades e competências para auxiliar no momento da leitura, ou para o ato de ler, e as recorrem naturalmente, quando necessário, acionando elementos à sua realização. As autoras elencam sete competências essenciais que os indivíduos devem desenvolver, continuamente, para uma efetiva compreensão do texto lido, desenvolvendo a reflexão e inferindo sobre elas de maneira íntegra.

Estabelecemos, portanto, a partir de Freire (1984); Rocha e Guidi (1997) a necessidade da consciência, por parte do indivíduo, para a continuidade do ato de ler, para não esvair a reflexão contínua sobre os fatos, deixando o processo de alienação intervir em sua prática.

A partir disso os autores Pimenta e Ghedin (2002) apontam para esse processo de alienação vivenciado pelos professores, no qual se conota:

[...] a importância da participação destes e da incorporação de suas ideias, seus conhecimentos, suas representações, na elaboração das propostas a serem implantadas. O reconhecimento destes como sujeitos participantes das propostas se constituía em requisito imprescindível no sucesso da implantação de mudanças. E o conceito de professor reflexivo apontava possibilidades nessa direção (PIMENTA E GHEDIN, 2002, p. 21).

Portanto, se o conceito de professor reflexivo requer, por parte dos sujeitos, uma participação maior, para exposição de suas ideias acerca da prática, seu olhar de mundo e sua vivência, tudo permeando a reflexão contínua e a crítica bem fundamentada, que elementos norteiam suas ações, nos dias atuais, sem o ato de ler, ou a devida valorização da importância para tal? Se o educador se abstém desse processo reflexivo que o impulsiona para uma compreensão contínua da sua prática, quem então está refletindo por ele?

O conceito básico para entendermos o quão é considerado importante o ato de ler, a partir das práticas de leitura, que transforma o indivíduo e estabelece em um contínuo processo da reflexão é, portanto, necessário entender que:

[...] sem algum elemento intelectual (a reflexão) não é possível nenhuma experiência significativa [...] o pensamento ou reflexão é o discernimento da relação entre aquilo que tentamos fazer e o que sucede em consequência (PIMENTA e GHEDIN apud DEWEY, 2002, p. 19).

Estabelecida uma linearidade entre a importância do ato de ler, em vistas de que o indivíduo, professor, como formador redescubra a necessidade desse ato, que deve ser contínuo para que a reflexão o ajude nos momentos árduos e conflitantes da profissão, guarnido de conhecimentos que o torne crítico, sendo o autor e ator das suas próprias convicções.

### **Dados iniciais da pesquisa em andamento**

Os quatorze professores que responderam ao questionário atuam no município de Cubatão, na instituição escolar UME (Unidade Municipal de Ensino) João Ramalho, antigo EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental).

O intuito da realização do questionário foi de possibilitar indícios para as práticas de leitura (gêneros textuais) mais utilizadas pelas professoras desta escola, tendo como resultados ainda parciais, compreender se estas práticas direcionam para a formação do professor crítico reflexivo.

Em sua elaboração (questionário) foi subdividido em eixos temáticos, para uma melhor verificação dos dados, o primeiro eixo foi o "perfil do participante"; o segundo foi a "formação profissional"; o terceiro "práticas de leitura"; e por fim "vida cultural", contendo 37 (trinta e sete) questões, sendo 8 (oito) abertas e 29 (vinte e nove) fechadas.

Suas respostas indicaram que consideram que a leitura, em si, é importante e formadora contínua para ajudar o professor em seu cotidiano. Elencaram também que para existir um

processo de reflexão, o ambiente que as circundam, deve ser tranquilo e limpo, em contrapartida se culpamos, pois muitas vezes, são vencidas pelo cansaço da dupla jornada de trabalho, ou até tripla, perdendo este contato diário com as práticas de leitura.

Em unanimidade elencaram de extrema importância todas as práticas de leitura circundando todos os tipos de gêneros textuais, porém 92.8 % aproximadamente, somente, leem 1 (uma) a 3 (três) horas por semana.

Esses dados significam que sua consciência para o ato de ler é presente nesses sujeitos de pesquisa, mas devido a questões rotineiras e a carga horária da profissão não as realizam, pois se sentem profundamente desgastadas com todas as adversidades que enfrentam na sala de aula, que chegam a um estado de alienação consciente, pois se vislumbram incapazes de transformar sua prática, tornando-as desmotivadas frente sua profissão, se abstendo da reflexão e da criticidade, porque por mais que tentem não conseguem sozinhas, mudar a circunstância de sua prática.

O que se pode sentir do professor é um extremo esgotamento de suas forças, à problemas que os permeiam, dependendo de políticas públicas mais efetivas, que vislumbrem a realidade dos professores que estão inseridos nas redes públicas do Brasil, e que forneçam qualidade, segurança da integridade física, visando a melhoria na qualidade de ensino.

Fazendo um paralelo da questão da leitura e da reflexão, por meio desta, por parte do professor, devemos compreender que:

[...] converter os professores em profissionais reflexivos, em pessoas que refletem sobre a prática, quando, na verdade, o professor que trabalha não é o que reflete, o professor que trabalha não pode refletir sobre sua própria prática, porque não tem tempo, não tem recursos, até porque, para sua saúde mental, é melhor que não reflita muito... (SACRISTÁN, 2002, p.82).

A partir desta citação do autor Sacristán (2002) podemos sentir a necessidade de um olhar mais atento das políticas públicas brasileiras, e a partir disso refletirem, o poder legislativo, que são os professores os principais formadores de opinião, a essência do ensino, os principais atores destes grandes cenários, os que despertam o interesse do aluno, qualificando e refinando o futuro da nação, e como esse pilar da educação não detém a reflexividade? Ou melhor, porque não disponibilizam, a partir de cargas horárias reduzidas de trabalho, sem conseqüentemente a redução em seu salário, tempo para esse processo ocorrer?

Sacristán (2002) elenca uma resposta significativa para a pergunta acima, falta vontade, em seu extremo sentido, por parte dos poderes públicos, por parte das instituições de ensino, por parte dos professores. Mas nosso objetivo neste artigo não é sermos pessimistas, ao contrário, é elencar a realidade imposta e trabalhar sobre e sob ela criticamente e refletindo para desencadear uma mudança, tirando da inércia conceitos enraizados sobre quem é o verdadeiro culpado pela condição do ensino público atualmente.

Em sua citação ao sentido da vontade o autor elencou como sendo necessário o:

Educar não só a razão, mas também o sentimento e a vontade. [...] A vontade pode transformar montanhas, quando é forte, bem enraizadas e é auxiliada pela inteligência (SACRISTÁN, 2002, p. 87).

Conforme Sacristán (2002) elencamos as considerações finais deste artigo enfocando sua citação acima, às práticas de leitura possibilitam, ao professor, o ato de ler, independente do gênero textual, em um busca de tornar em conhecimento os textos lidos, tornando a *inteligência* um auxílio ao professor, que ao permeá-los os reflete e põe num estado de instabilidades as suas práticas, e a partir da *solidez* dos conhecimentos expõe sua opinião crítica sobre o entorno que o circunda.

Portanto, o condicionante para a formação do professor crítico reflexivo, neste artigo, é às práticas de leitura como acesso primário a uma inércia estabelecida pelos professores atualmente, sendo necessária o despertar da consciência ingênua por parte dos mesmos, para sobrepor o processo de alienação contemporânea, tornando-a indissociável ao sujeito e conseqüentemente sendo capaz de atuar na sociedade integralmente, apta para compreender, analisar, fomentar e na criticidade estabelecer conexões para uma mudança em sua prática pedagógica.

### **Bibliografia**

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002. 296 p. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela.

ESPÍNDOLA, Ana Lucia. **CARREGANDO ÁGUA NA PENEIRA: ESCRITA NA VIDA, ESCRITA NA ESCOLA.** Disponível em: . Acesso em: 05 jun. 2013.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artmed, 1994.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro . **Pedagogia e prática docente.** São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1984. 96 p.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa.** 2. ed. Campinas: Pontes, 1996

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

POLATO, Amanda (Ed.). **Zoara Failla: "Se o professor não é leitor, não consegue transmitir o prazer pela leitura"**. Disponível em: . Acesso em: 06 maio 2013.

ROCHA, Gisela da e QUIDI, Silvia. (Org.). **Em busca da autonomia do sujeito-leitor:** A leitura de universitários. Santos: Unisantos, 1997. 192 p.

ROCHA, Gisela da; GUIDI, Silvia. ). **Em busca da autonomia do sujeito-leitor.** São Paulo: Leopoldianum, 1997.

SACRISTÃ, José Gimeno. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Magda. **Ler, Verbo transitivo.** Disponível em: . Acesso em: 17 maio 2013.

SOARES, Magda. Linguagem e escola- uma perspectiva social. 10 ed. São Paulo. Ática, 1993

ZIBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (ORGANIZADORES).  
**Leitura: perspectivas interdisciplinares.** 4 ed, FUNDAMENTOS, 1998.

[1] Mestranda em Educação; grupo de pesquisa linha 2 – formação de professores; com orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Amélia do Rosário S. Franco; Curso de Mestrado em Educação na Universidade Católica de Santos-Unisantos; [thamirysdesiree@hotmail.com](mailto:thamirysdesiree@hotmail.com).

[2] A autora Franco (2012) ao elencar as *Rémanance Éducative* (remanescências pedagógicas) no seu livro “Pedagogia e prática docente” pretendeu-se resgatar as práticas; ideias; essenciais, porém adormecidas e esvaídas em seu sentido extremo, seja devido à condição temporal, ou, a má articulação, desses fundamentos, aplicados na formação de pedagogos.

[3] SOARES, Magda. “Ler, verbo transitivo”, disponível no site <http://www.leiabrasil.org.br/old/ong.htm>.

[4] A palavra inserção permeia a conotação de inserir o indivíduo ao mundo da leitura, porém no caso se trata de adultos, em uma maior especificidade, de educadores, na qual se pode esperar que estejam neste mundo letrado, porém não compreendem, ou não dão a devida importância ao ato de ler.

[5] Para Paulo Freire (1984) o indivíduo deve *criar* uma disciplina intelectual, na qual se habitue a buscar leituras que o auxiliem no seu cotidiano, sendo um participante ativo, em vistas o seu próprio desenvolvimento, sabendo refletir sobre as temáticas que se apresentam no texto e analisar criticamente o que lê em vista o *para que se lê*, sendo útil para uma futura transformação intelectual.